



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral de Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Telhaba—Lisboa Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

ABATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A questão irlandesa

A guerra anglo-irlandesa

III

Naturalmente o resultado lógico da repressão e do terrorismo, foi o recrutamento dos tumultos. Estes aumentaram em número e intensidade, por tal forma que constituem hoje em dia uma verdadeira guerra. Pode afirmar-se sem receio de errar que o governo britânico está em guerra com a Irlanda, e esta guerra não é civil, mas sim uma guerra entre nações, feita por uma forma original que lembra um pouco a guerra dos Chouans em França, nos comêços do século XIX. Os irlandeses não têm regimentos, mas tem-nos os britânicos. Os irlandeses não têm canhões, aeroplanos, tanks, mas tem-nos os britânicos. E apesar de tudo, o governo britânico já não governa a Irlanda. Os impostos não se pagam aos funcionários do governo, mas sim a irlandeses, que os recolhem em nome da República Irlandesa. As leis britânicas são observadas na medida em que são julgadas boas e úteis pelo governo irlandês. Este governo existe, posto que oculto e apesar de não poder reunir o Dail Eireann (parlamento irlandês), por estar em presos ou deportados na Inglaterra, ou refugiados na América, muitos dos seus membros. E na América permanece o sr. De Valera, presidente da República, que em Abril último foi, oficial e ruidosamente, recebido como cidadão de Nova-Orleans, apesar dos protestos oficiais do cônsul britânico. O presidente prossegue na sua activa propaganda, recebendo numerosas subscrições para o empréstimo republicano. Procurando sublevar a América contra a Inglaterra, tem visto em parte os seus esforços coroados de sucesso. O senado americano protestou publicamente contra a política inglesa para com a Irlanda. Os jornais americanos mostram-se muito violentos e realizam-se manifestações públicas. E tem havido necessidade de guardar pela polícia a embaixada britânica em Washington. Esta oposição dos Estados Unidos contra a política inglesa para com os seus irmãos irlandeses, é um dos motivos da atitude agri-doce e até inimiga de Lloyd George para com Wilson. O homem amável e atraente da Conferência da Paz transformou-se no homem envenenado e emperdigado da Conferência de S. Remo. Lloyd George, a encarnação da mentira, é hoje o prisioneiro dos conservadores britânicos. Com certeza que ele preferiria voltar aos seus amores de outrora, ao liberalismo radical, até mesmo ao trabalho, mas os liberais, os radicais e os trabalhistas tem-no repellido desdenhosamente. Não tem nele nenhuma confiança, e está, portanto, colhendo o fruto que com as suas continuas mentiras semeou, a desconfiança, vendo-se forçado a continuar a ser o prisioneiro dos conservadores britânicos. E estes impõem-lhe a política, que tem sido a dos conservadores em todos os tempos e em todos os lugares, isto é, a política da repressão, da intimidação, do terrorismo.

Há meses, há quasi anos, que o governo inglês com sede em Dublin Castle, na Irlanda, detém, prende sem dar razões, sem inquérito contraditório, sem julgamento. As tropas fazem paradas nas ruas, equipadas como em estado de guerra. Os aviões voam sobre todo o país, os tanks cruzam todas as estradas. As prisões enchem-se. Os deputados, os *maiores*, os conselheiros municipais, os simples cidadãos são deportados. Sómente os bispos, os arcebispos, os curas escapam às perseguições. O governo conservador britânico não ousa atacar os agentes do governo conservador papal. Estes gozam da imunidade de que gozava na Bélgica ocupada pelos alemães o cardeal Mercier. E, contudo, todo o clero irlandês auxilia o povo na guerra contra os seus opressores. O povo, por seu turno, responde com habilidade, porque todos os arsenais e todas as tropas de Inglaterra não impedem que em plena rua de Dublin sejam mortos polícias pelos irlandeses, que desaparecem como se fossem fantasmas. As estradas não são seguras nem para os proprietários rurais nem para a polícia. Os autos são detidos por árvores atravessadas nas estradas, a que se segue a fuzilaria. Não se seguindo a detenção dos combatentes, que desaparecem, estes tem por vezes um morto ou um ferido, que são levados. A polícia deixa cadáveres e feridos por toda a parte. Os fios telegráficos e telefónicos são cortados. As repartições de impostos são atacadas e queimadas com todos os seus livros. Os valores postais são apreendidos e saqueados, etc. Numa palavra: é uma guerra de desorganização social, feita com método e cuidado.

O governo inglês continua a sua tarefa digna de Sysiphe: terrorizar os homens livres, o que, na realidade, é impossível. Rebenta então a greve da fome na prisão de Mountjoy. (1) sem dúvida, assim chamada por ironia. Trata-se de 89 prisioneiros encerrados nas prisões durante semanas, sem julgamento, tal qual como na Rússia czarista. Durante sete dias se mantiveram sem comer. Toda a Irlanda se ergue, fremente; na América levantaram-se gritos de protesto. Na Inglaterra liberais e trabalhistas clamam por clemência, por justiça, por honestidade. O governo mantém-se surdo e, pela voz do conservador Bonar Law, afirma à Câmara dos Comuns que a lei será aplicada inflexivelmente. A lei *Pure Blague*, pois não existe lei para a Irlanda, mas sim o puro arbítrio do Defensor do Realm Act. A vontade militar faz lei, exactamente como na Bélgica e no Norte da França durante a ocupação alemã. São, portanto, idênticos os processos de terrorismo governamental.

Mas os conservadores ingleses, como os conservadores de todos os países, não pensaram que a vida é impossível se não navegam os navios, se não circulam os comboios, se a terra não é trabalhada, se a correspondência não é distribuída, etc., etc. Ou por outra: *que não se pode viver sem que os operários trabalhem*. A paralisação do trabalho, isto é, a greve geral, é a morte de toda a burguesia e de todos os capitalistas em curto prazo. Os operários irlandeses mostram-se cientes na greve geral. Desencadearam-na em dois dias o governo militar teve que ceder e largar os prisioneiros. Mais uma vez a greve geral se mostrou como uma arma irresistível quando aplicada pela maioria dos operários.

Não se torna mesmo necessário que a greve seja posta em prática pela unanimidade dos operários, porque na Irlanda, os operários do Ulster, que não tomaram imediatamente parte na greve, não tiveram necessidade de a fazer. E' mais uma confirmação, pelo facto, das teorias que Fernand Pelloutier e os ex-puzemos há 28 anos, teorias que levaram Pelloutier a propagar no mundo operário a ideia da greve geral pela voz de Aristides Briand.

A teimosia dos conservadores permitiu aos operários avaliar o seu poder irresistível. Por isso agora a situação na Irlanda apresenta aspectos diferentes doutros tempos. Os árbitros da situação não são nem os Sinn Feiners, nem os Carsonistas, nem o governo britânico, mas sim os operários da Irlanda. E estes aperceberam-se disso.

Sabem-no tanto melhor que o movimento sindicalista já penetrou nos campos. Os *sem-terra* apoderam-se das terras e cultivam-nas sem se preocuparem com os seus proprietários! O movimento é análogo ao que se produziu na Rússia em 1918. De modo que um movimento agrário de jornalistas agrícolas e de pequenos proprietários se veio justapor ao movimento operário das indústrias. Os Sinn-Feiners da burguesia intelectual e os outros partidos tendem a regressar a um plano secundário. E este resultado revolucionário é o efeito da política de coerção dos conservadores! Os frutos da autoridade são sempre amargos e doces da liberdade.

Os acontecimentos futuros mostrarão como serão utilizadas por eles as suas forças em face do governo inglês e das suas tropas, e também ante o Labour Party Britânico, tam forte, (2) e seu natural aliado.

O Labour Party Irlandês é Sinn-Feiner por tendência, porque é republicano, o que resalta das declarações feitas aos seus camaradas do Labour Party Britânico, quando estes procederam a um inquérito, há perto de seis meses. As eleições municipais de há cinco meses mostraram que a Irlanda não é, na sua maioria, Sinn-Feiner, mas é em maioria partidária de uma autonomia e uma independência de facto pouco afastada da seicção com o Reino Unido. Desde então os acontecimentos acentuaram a tendência para esta seicção. Por causa alguma,

Um julgamento importante

Os reaccionários de Evora procuram ferir a organização operária, fazendo comparecer perante o tribunal trinta e um trabalhadores rurais que acusam de saqueadores

EVORA, 21.—C.—No tribunal desta comarca iniciou-se hoje o julgamento dos trinta e um camareiros rurais acusados pelos lavradores reaccionários de pertencerem a uma associação de malfeteiros.

Os arguidos são: Miguel Joaquim Faria, José Sebastião Cebola, João Gregório Póvoas, José Manuel Leal, Manuel Rodrigues Val de Oliveira, Bonifácio António Mira, Francisco Correia, Manuel Courelas, Jesuino José Madeira, Feliciano António de Abreu, José Maria Carrageta, António José Cavaca, Evaristo António Carrageta, António Joaquim Vieira, José da Quinta ou José dos Santos, Joaquim Inocência Esturro, Francisco António Leal, João José Leal, José Cavaco, Vidal José, Francisco dos Santos Teixeira, Florêncio José, Gaudêncio Simões de Carvalho, José Marques, Joaquim Mira Picanço, Manuel Jorge, Joaquim António Latas, Francisco António Latas, Domingos José Candieas, António José Nobre e Francisco Domingos.

O caso é já conhecido dos leitores de *A Batalha*, que por mais duma vez se tem ocupado do assunto.

Pelas 11 horas chegaram ao tribunal 28 dos acusados, escutados por uma numerosa força de infantaria e cavalaria da guarda republicana, de baioneta calada e carabinas carregadas. As vítimas do rancor burguês marchavam de cabeça erguida, sob o olhar carinhoso das famílias e dos amigos, que assistiam à sua passagem. Muitas mulheres choravam.

Este espectáculo causou uma revolta de impressão de tristeza, no muito povo que se estacionava junto ao portão do tribunal, à Praça do Sertório. Dentro de pouco tempo a cavalaria começou a evolucionar. Passando para cima dos passios, fez afastar os populares, entre os quais predominavam os operários da construção civil, actualmente em greve.

O julgamento

Constituiu-se o tribunal, que é presidido pelo juiz dr. Sampaio, estando a acusação oficial representada pelo dr. Almeida Homem, delegado do procurador da república e a particular pelo dr. António Bourbon. A defesa dos arguidos sindicados está a cargo do nosso amigo e camarada dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T. e os restantes são defendidos pelo solicitador Martins da Fonte, por procuração do dr. Domingos Rosado, que adoeceu à última hora.

Depois de constituído o júri, de que fazem parte os srs. António Joaquim Baptista (Sobrinho), Vicente Roberto, Manuel Duarte de Almeida, Carlos Miguel da Costa, José de Oliveira Saraça, António de Sousa Faria e Melo, Manuel Martins dos Santos, Manuel António Rodrigues Fino, e para suplente António Anselmo Dias, e tendo comparecido 42 testemunhas de acusação, falhando David Lopes Ribeiro, que está fora da comarca, e 19 de defesa, faltando duas, foi lido o libelo acusatório e feita a inquirição dos acusados.

A impressão que nos deixou esta primeira audiência é de tal ordem que, se neste desagrado não houvesse uma justiça igual para todos, veríamos, certamente, em breve tempo, sentadas nos bancos dos seus algumas das criaturas que hoje constituem a parte acusadora.

E' preciso que o povo saiba que alguns presos foram espancados desalmadamente, no intuito de os obrigar pelo terror e pelo sofrimento a fazer declarações que servissem de ódio dos srs. lavradores; a outros acusados foram feitas grossas ofertas de dinheiro e outras vantagens, com a condição, porém, de fazerem declarações falsas tendentes a satisfazerem odiosos intuitos.

Os fins dos reaccionários aqui são a

os irlandeses querem a partilha da Irlanda em duas: dum lado o Ulster com quatro ou seis condados, do outro o resto da Irlanda. Pois é este o projecto do Home Rule que presentemente o parlamento britânico discute em Westminster. Sem dúvida, que será votado, apesar da oposição dos liberais e dos trabalhistas. Mas do voto à aplicação, há de correr tempo. O governo britânico ver-se-á na incapacidade de o fazer aplicar pacificamente pela força das armas. A situação ficará mais envenenada, cada vez pior, até ao dia, agora inevitável, da seicção, apesar de Lord Robert Cecil, o chefe dos não-conservadores—um pouco menos obtuso que os velhos conservadores à Bonar Law—ter declarado que nunca a Inglaterra o permitiria? Mas como se há de opor? Pela força das armas?

Foi possível noutros tempos, em meados do século XIX, como os Estados Nordistas o demonstraram aos Estados Sudistas na América, mas já não é possível hoje, com um Labour Party Irlandês, verdadeiro senhor da situação pelo simples acto da greve geral. Como é mais avizada a política do *leader* liberal Sir Donald Mac Lean, quando declara oficialmente que é necessário dar aos irlandeses o direito de dispor de si, indo até à ressecção. Esta é aliás a política de todo o Labour Party Britânico, até da sua própria extrema direita. E na verdade só esta política poderá levar à paz, à União entre as duas ilhas livres, porque só ela deixa a cada nacionalidade a sua plena liberdade. A Irlanda livre e separada da Inglaterra será, pelas condições económicas, obrigada a uma união íntima com a Gran-Bretanha. A Irlanda não pode viver sem a Inglaterra, a Escócia, o País de Gales, Precisa do seu carvão, dos seus tecidos, do seu ferro, etc.

Mas, por outro lado, a Gran-Bretanha tem necessidade da Irlanda, dos seus legumes, da sua manteiga, do seu linho, das suas construções navais, etc. As duas ilhas estão ligadas uma à outra, unidas mais do que separadas pelo mar da Irlanda. O seu destino é a vida em comum e realizarão esta vida em comum quando ambas forem livres, independentes. Os indivíduos não se ligam por cadeias, nem pancadas, mas pelo bom tratamento, pela liberdade, pelo amor que lhes manifestamos. O governo conservador britânico ainda não compreendeu isto. Por isso há de levar com passos seguros e rápidos o império britânico a uma ruptura, e a Irlanda a uma recessão certa.

30 de Abril de 1920.

Augusto Hamon

NOTAS & COMENTÁRIOS

Amordaga Foi na quinta feira mais uma vez impedido de circular o nosso colega da tarde *O Combate* pela policia de segurança do Estado, que continua a exercer, impávida, a censura não só sobre aquele jornal, mas também sobre *A Batalha* e alguns outros diários que vêm a luz da publicidade em Lisboa.

Continua, pois, uma parte da imprensa de Lisboa sujeita a uma vexatória e arbitraria perseguição por parte do governo, cujo presidente, apesar dos atropelos que diariamente comete contra as mais sagradas prerrogativas populares, não hesita em afirmar-se um amigo da liberdade...

O Douro Alguns jornais de Lisboa têm empregado argumentos sobre argumentos na defesa dos direitos de Portugal às águas do rio Douro. *El Sol*, por seu turno, tem, ultimamente, ripostado, argumentando que o Douro é um rio nacional, dando a entender que quasi exclusivamente a Espanha tem direito a ele.

O último número do *El Sol* que aqui nos chegou vinha mesmo irritado, arreganhando o dente e chamando a atenção dos seus compatriotas para a defesa do *outrance* daquilo que considera seu.

Quanto a nós, o Douro, como aliás toda a terra, pertence a todos os homens sem distincção, e a aplicação das suas riquezas deve ser combinada a bem para que firmamente todos os interessados as gozem.

Não o entende assim a Espanha fanfarrona, e esta indignação, longe de nos irritar, faz-nos rir. E' caso para que lhe digamos: *Si el Duero es vuestro, que lo beben de un trago!*

Lume... Já não se encontra um fósforo por essa cidade, dos amorfos, bem entendido. Vê-se uma pessoa na dura contingência de mendigar lume pelas ruas aos felizardos que vão gosando das delicias do fumo.

Conta-se que numa assembleia numerosa um individuo cometeu um gesto fenomenal, admirável: puxou de uma caixa de vitim e acendeu um palvante. A assembleia em peso admirou o caso e em seguida, um a um, todos foram beber naquela fonte inesgotável da sua gota de fogo... O cavalheiro excepcional era sossegado, mas a sua paciência não o impediu de praticar o oratório de dar, duma só vez, lume a já...

Confessamos... Apesar de já muito o sabermos. O caso é simples e dele foi testemunha algum desta casa. No julgamento de um rapaz acusado de desviar ou ser cúmplice no desvio de determinada importância, este declarou não ser no todo verdadeira a acusação, pois fora coagido pelo agente que o interrogara, depois de lhe ter experimentado a rigidez do corpo com uma câmara de ar de bicicleta, a confessar o que dos autos constava para se ver livre de *tais anabilidades*, sendo visitado, para esse efeito, na prisão onde se encontrava, sempre de madrugada, entre as três e quatro horas, pelo referido Argus, várias vezes.

Na devida altura, o respectivo delegado perguntou ao agente se efectivamente se servia de objectos de borraça para arrancar a confissão; e este, como a maior das naturalidades, como se dum caso sem importância se tratasse, pespoei nos bochechas do respeitável tribunal com esta resposta:

—Ninguém bate com cavalo-marinho (note-se que não se falara em tal objecto); mas quando eles não querem confessar, chegam-se-lhes algumas bofetadas!...

E o venerando tribunal, com juiz, delegado, advogado, jurados e restantes figuras, ouviu, não reparamos se sorriu e ficou silencioso...

Tanta audácia, confessar em pleno templo da justiça, como lhe chamam, que batem em presos sem uma severa punição dos que detem a lei, revolta, e assistir a estes degradantes espectáculos, que decerto são o pio-nosso de cada dia, enoja!

Porém, tudo isto é muito natural, assim como é natural ter-se referido o agente a cavalo-marinho, quando ninguém falara em tal. Uma questão de hábito—e talvez lhe fugisse a boca para a verdade...

Em torno da Rússia Vermelha

Os bolchevistas bombardeiam Enseli—A flota do exercito de Denikine em fuga

LONDRES, 22.—Um telegrama de Teheran confirma o bombardeamento de Enseli pela flota bolchevista do Caspio. As autoridades persas protestaram contra o ataque das forças soviéticas; contudo, aceitaram o compromisso de negociarem a propósito da flota do exercito de Denikine, que se tinha refugiado no porto e cuja entrega pedem os vermelhos.—*Rádio*.

A tomada de Enseli irrita os ingleses

LONDRES, 22.—O desembarque das forças bolchevistas em Enseli e a evacuação deste porto pelas tropas britânicas de ocupação produz sérias inquietações nos círculos oficiais de Londres. As informações do governo britânico demonstram que os soviéticos não respeitaram os seus compromissos. Vão-se pedir energias explicações a Moscovia, se não se receber uma satisfação, a Inglaterra está disposta a adoptar sérias medidas, que chegarão à ruptura de todas as negociações comerciais, actualmente em curso, incluso a renovação do bloqueio da Rússia.—*Rádio*.

NOTAS & IMPRESSÕES

Um penduricalho

Disseram-mo mas eu não acreditei.

Há cousas tam disparatadas e tam cómicas que, mais por serem disparatadas do que por outra coisa, se acreditam à primeira vista. Mas há outras que, por uma mistura de disparate com ignorância, se tornam tam inacreditáveis que a gente fica suspensa quando no-las contam, raciocina três minutos, e depois de ter reunido em assembleia geral todas as faculdades de análise nesse curto espaço de tempo, resolve por unanimidade não acreditar nelas. Foi o que me aconteceu. Não acredito, decididamente, nem acredito, ainda que me matem e me esfolem. Não acredito, não acredito e não acredito. Sou teimoso.

Ele, de facto, não tem nada por onde mereça; é uma mediocridade, quasi tam mediocre artista como eu próprio sou mediocre operário, e nada de geito tem feito pela vida adiante, agora um que outro trabalho, de longe em longe falazado nos botequins e alambiques de meio-curto falsificado e café de pós de sapato, e ostenta-se às vezes de carripana, triunfa quasi à Pombal, pelas ruas da cidade, mostrando a todos a sua poderosa mão-de-rede, acompanhada de uma senhora de olhos negros vivos e tagarelas. E' certo. Mas isso, sendo alguma coisa, no século vasio em que se vive, cada vez mais vinte e cada dia mais maldito, não é, todavia, o suficiente para igr um mortal aos pincares da imortalidade pela mão dum grao de cavaleiro.

Quanto mais penso nisso menos o acredito.

Admita-se, por um relâmpago, que um hábito de Cristo, uma comenda de S. Tiago, um penduricalho qualquer desses que é de uso depositar no peito dum cidadão, tenham o valor suficiente para galardear o esforço dum artista, e depois de o ter como tal admitido em nossa consciência, veja-se quantas criaturas ao serviço da Arte puzeram o seu talento sem que até hoje os detentores do poder se hajam lembrado deles! Para falar de artistas dramáticos apenas, olhemos essa extraordinária figura de comediante que é Ferreira da Silva, o qual tendo começado por onde muitos nunca acabam, encheu a arte dramática nacional com o fulgor de muitas dezenas de criações brilhantíssimas, algumas delas pertencendo ainda a nós mesmos dias, como o trabalho formidável do judeu Shylock no «Mercador de Veneza». Pois esse gigante da scena contemporânea, que, de resto, não precisa de hábito ou comenda para ser um trabalhador inconfundível na sua Arte, ainda não encontrou um ministro suficientemente justiciero e me-

dianamente culto que fizesse justiça aos seus incontestáveis méritos—premiando-os a seu modo.

Ao que me informam, porém, se bem obstinadamente me recuse a tomá-lo como certo, o sr. ministro da instrução, ou qualquer outra personagem por ele, vai condecorar por estes dias uma pessoa que pode ter muito direito à nossa consideração, mas que, como artista dramático—porque é dum actor que se trata—não atingiu nem nunca atingirá—nunca, entenderam os meus amigos?—a medida que outros já ultrapassaram sem condecoração mas com talento.

Com effeito, o sr. Estevam Amarante pode guiar muito bem o seu carro, pode imitar menos mal a assinatura do maestro Figueiredo; pode gramam-se como *Fandelliro*; pode ter observado com verdade e minúcia o celebrado *Ganga*, ainda que se tivesse esquecido de sujar as unhas, como o notou um falecido crítico portuense; pode fazer, a contento de patos e ceguinhas, uma espécie de provinciano, que lhe valdar, diz-se, a imortalidade; o que ele nunca pode é usar desassombradamente uma recompensa que chega a ser uma imortalidade e um escândalo—nas condições em que, segundo se aventa, a fornecerem.

Que eu não o acredito. A noticia deve ter sido forjada adrede, a ver se passava sem reparo, como muitas outras noticias de igual quilate que apparecem frequentemente escondidas pelas gazetas. Não há dúvida que a coisa é embagante e custa a engulir. Mas vivemos num país tam caricato, tam tristemente divertido, que muitas pessoas, das mais ingénuas e mais crédulas, tomarão realmente ao pé da letra o ballosto que lá das bandas do Terreiro do Paço o microscópico, o apagadinho guerreiro da Flandres se lembrou de botar aos ares, a ver se caía em bom terreno. Tudo isto é razão, desde o nome da pessoa, gem que se pretende celebrar, à ocupação dos ministros, que não tendo competência nem habilidade para outros assumptos perdem o tempo em frioleiras, e fazem perdê-lo aos outros. Ora não há!

Afinal, quasi que me ia indignando por uma simples hipótese de injustiça. Nem que elle fosse injustiça de carne e osso o mereceria, porque seria dar demasiada importância a um e a outros—padrinhos e afilhado. E este, pelo menos, não a merece, porque de longe ainda é alguma coisa, mas ao pé não é nada—como Bismark dizia de Napoleão III.

Mesmo assim, ainda há de haver muito quem creia em tal chuchadeira. A boa-é, com effeito, dá-se muito bem cá com a gente.

Antero de LIMA

O caso dos eléctricos

A pobreza da Companhia Carris

Vejo agora a direcção da Companhia Carris de Ferro dizer em publico por que razão necessita do aumento de tarifas. Apresenta números, joga números, e diz que tem um deficit mensal de 200 contos. Elogia os operários, alguns dos quais estão ganhando menos do que noutras indústrias, afirmando que os seus salários não chegam para atender aos seus encargos da vida. Reconhece que os generos aumentaram duas, três, dez e mais vezes sobre o custo primitivo. Afirma que a população está sobrecarregada com o peso asfixiante da vida. E, por fim, diz que, os 75% de aumento de tarifas concedidos pela câmara não chegariam para satisfazer os seus encargos. Verdadeiros ou menos verdadeiros que sejam os seus argumentos, há muito que deviam ter vindo a publico. Mas não. A companhia usou primeiramente de outros truques, que o publico não desconhece: comprou uma grande parte da imprensa para que esta falasse por elle; pagou-lhe bellos artigos, sem sinal de pago, onde se lamentava a situação desesperada da Companhia, etc.

Ora, este facto é que está em absoluta contradicção com o fim que a Companhia deseja atingir. Ella pretende mostrar que está pobre. E ainda tem dinheiro para dar a quem lhe afirma a sua pobreza? Nunca vimos um pedinte pagar boas maquinas a quem vá mendigar dez réis para lhe malhar a fome! E, todavia, é este o caso da Companhia.

E' também muito singular que a câmara, tendo sido tam apressada em votar o aumento—fe-lo às pressas e indrugada—suspenda agora, ante a indignação popular, as resoluções anteriormente tomadas.

Burla e contradicção por toda a parte. A câmara—temos o direito de acreditá-lo—votou primeiramente o aumento de tarifas porque não esperava que protestos surgissem.

De maneira que o caso vai-se complicando. A companhia diz-se arruinada e a câmara não tem coragem para municipalizar o serviço de transportes. A companhia afirma não se importar discutir a proposta dos vereadores socialistas sobre a municipalização e no en-

tanto ainda alguns jornais fazem o seu jogo.

E no meio de tudo isto o burlesco é o povo. Mas é necessário que acorde, que clame bem alto que não consentirá em ser mais explorado do que já é. E' preciso que o povo imponha um pouco de moral aos desmoralizados senhores desta terra.

A nossa posição perante as reclamações do pessoal

A circunstância de *A Batalha* ter combatido com vivacidade as pretensões da Companhia Carris de Ferro, e de ter verberado com indignação a desgracia da attitud de vereação municipal, não significa que haja da nossa parte o intuito de hostilizar de qualquer modo as reclamações do pessoal que exerce a sua actividade naquelle companhia, o qual auterido, em regra, um salário diminutissimo, reclama, com justo motivo, um ganho equivalente ao que recebem os operários das outras indústrias, a fundação duma caixa de reformas e o pagamento a dobrar do trabalho feito ao domingo.

Nun manifesto que vem de distribuir ao povo declara o pessoal da Carris de Ferro—e era necessária essa affirmacção para se não ajuizar erradamente acerca dos seus intuitos—a sua indifferença perante a aprovação ou rejeição de quaisquer contratos entre a Câmara e a Companhia e que, forçado, por virtude da sua insustentável situação económica, a lançar-se numa luta, não tem em mira prejudicar a população de Lisboa. N' o move o propósito de favorecer interesses ou paixões de quem quer que seja. Sem embargo, não pode quedar-se indefinidamente a espera que atendam as suas reclamações, quando já tanto tem esperado.

E' esta a situação do pessoal e por ser insustentável é que ora recorre ao último extremo.

Contra a perseguição a 'Batalha'

Acabamos de receber o seguinte telegrama de protesto contra o regime truculento a que está sujeita a *Batalha*.

FARO, 22.—T.—Os empregados do commercio de Faro, reunidos em assembleia geral, protestam energicamente contra as arbitrariedades cometidas contra a *Batalha*.—Eugenio Infante, presidente.

(1) Montalegre.
(2) O movimento operário na Gran-Bretanha, por Augustus Hamon, Paris 1919.

POR BEJA

O QUE VAI POR AFRICA

Os últimos acontecimentos

Ainda não se fez termo às arbitrariedades.

BEJA, 21.-C. Continua mantendo-se a acintosa arbitrariedade do encerramento dos Sindicatos da Construção Civil e dos Rurais permanecendo ainda delido, no infecto calabouço da esquadra, o camarada Caelano Feres. De todos os operários vítimas da reacção burguesa desta terra, só este camarada continua preso, para satisfação dos ódios da burguesia local.

A polícia de Segurança do Estado já partiu para Lisboa, levando a impressão nítida do serviço que desempenhou, que não correspondeu à sua expectativa, pois a sua bagagem foi reduzida a coisa nenhuma, visto nada ter apurado de comprometedor, segundo informações particulares, o agente Vieira Marques vinha munido de fortes correntes, para transportar todos os jovens para a África, como vadios, mas foi grande o seu espanto quando constatou que todos que caíram na sua alçada, eram jovens, mas com calos nas mãos, produzidos pelo trabalho árduo que quotidianamente executam para viverem.

Segundo nos informaram, o referido agente, disse serem falsas as acusações da burguesia, pois só encontrou gente que luta pela vida, e não vadios, como o haviam informado.

Por isto se vê qual é o ódio dos burgueses locais. Eles, que toda a sua vida têm tripudiado sobre este povo, praticando toda a casta de infâmias, não tinham quem os incomodasse porque o incoincidente explorado levava o tempo de folga na taberna, definhando-se e desprezando por completo os seus interesses económicos. Hoje, uma sociedade vive, tem sangue nas veias, e pensa que é a hora de repelir todos os vícios e preconceitos e cuidar dos interesses económicos, para amanhã, na hora que se aproxima poder desempenhar o papel que lhe compete. Eis por que surgiu a Juventude Sindicalista que tanto incomodou os caudões dos poderosos.

E tanto é assim que esses jovens após serem arremessados para a prisão, e uma vez em liberdade, não hesitaram em fazer distribuir manifestos de protesto contra a tirania de que foram vítimas, o que lhes valeu serem novamente postos a ferro e fogo desta República.

Consta-nos que uma comissão de republicanos foi pedir ao agente, quando da sua estada aqui, para que todos os presos fossem levados para Lisboa. Não sabemos ao certo quais foram os excelentes reacções, porque não teríamos dúvida em publicar, em lugar de honra, os seus nomes.

E' aguardado com ansiedade o advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., dr. Sobral de Campos, que certamente não será desta vez esperado, por uma força da guarda republicana, como o foi no dia 1.º de Maio, quando constou que viria aqui.

Ainda o aniversário de "A Batalha"

A passagem do primeiro aniversário de porta-voz da organização operária portuguesa continua a provocar as mais sinceras manifestações de apreço e regozijo da parte não só de colegas nossos da imprensa operária, como das organizações socialistas e de individualidades que mais ou menos se interessam pela questão social.

O sr. Amílcar de Faria Cardoni, jornalista brasileiro, redactor do jornal *A Razão*, do Rio de Janeiro, actualmente em Portugal no desempenho das suas funções jornalísticas, teve a amabilidade de dirigir-nos as seguintes palavras:

Felicitamos muito vivamente *A Batalha* pelo seu primeiro aniversário. Campeão da defesa dos humildes, da veemência e sinceridade das suas pugnas no mundo jornalístico europeu.

Representante da moderna geração brasileira, que não se descura da bela causa dos trabalhadores, agitou-lhe longa e promissora carreira.

O *Gráfico*, órgão da Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, no seu número do 1.º de Maio, dedica ao facto as seguintes linhas:

No pretérito mês de Fevereiro, completou *A Batalha*, porta-voz denodado da organização operária portuguesa, um ano de existência, o que quer dizer um ano de feroz desmascaramento de luz e espírito.

Pelo que julhamos, pela não publicação de *O Gráfico*, mas com viva fé no triunfo da causa justa por que pelejam, associemo-nos com os protestos da múltipla camaradagem às efusivas saudações e verdadeiras demonstrações de solidariedade e apreço, que a todos os dias a classe trabalhadora dirige ao seu representante nas lides esclarecedoras da imprensa, esperando que o operariado consciente não permita que este a voz vibrante de tanta inteligência se vá.

Aos nossos prezáveis amigos e bons camaradas que a sua frente se encontram, endereçamos, no dia 2 de Maio, promovida da nossa sincera camaradagem, nesta hora de luta decisiva.

Igualmente *O Operário*, semanário, órgão da União dos Sindicatos Operários do Funchal e do proletariado em geral, se refere ao nosso aniversário nos seguintes termos:

Pelo seu primeiro ano de publicação, felicitações este nosso valioso colega da imprensa operária, denodado campeão de todos os oprimidos.

Muita vida, muita vida, estimado colega.

O nosso jovem colega na imprensa revolucionária *O Despertar*, dirige-nos as seguintes amáveis expressões:

No dia 23 de Março entrou no seu 2.º ano de publicação *A Batalha*, órgão da C. G. T., jornal mantido pelo proletariado, único e esclarecedor.

Nunca se deixou sabonar e tem defendido energeticamente os interesses dos trabalhadores, ao mesmo tempo que nos prepara para a sociedade melhor.

O aniversário de *A Batalha* provocou as mais vivas manifestações de alegria, a que se uniu e corria aderentes, embora um pouco tarde por se agora o poderemos fazer, enviando a todos os camaradas e amigos que trabalham na gazeta, um apertado abraço.

O tribunal negro

Ficou constituído pela seguinte forma o tribunal a que compete o julgamento dos agentes de vários delitos, conforme a lei sancionada recentemente publicada: presidente, dr. sr. Jacinto Inácio Fialho, juiz no quadro; vogais dres. sr. Manuel Pedro de Matos e Felix Horta; escrivão sr. Abílio Magro, que desempenhará cumulativamente estas funções com as de escrivão do primeiro ofício do primeiro distrito criminal de Lisboa.

Contratos deprimentos

Condições em que são contratados operários

III

2.ª Cláusula: "Será transportado à custa do Governo na 2.ª classe dos paquetes ou em classe correspondente nos navios do Estado."

Esta cláusula é razoável, não porque a 2.ª classe dos paquetes da Companhia Nacional de Navegação ou da *Trapaçada Marítima* seja uma coisa com as comodidades em harmonia com o preço exorbitante da passagem, mas porque o operário, em geral, sente-se mais à vontade ali do que na 1.ª onde viajam novos ricos, funcionários superiores militares e civis, assabreadores, etc.

3.ª Cláusula: "Sendo casado ou viúvo o governo concederá igualmente transporte, nas mesmas condições, à mulher e filhos legítimos ou legítimos do referido contratado."

E' esta uma cláusula que necessita ser devidamente ponderada, pois que a sombra da muitos desgraçados se tem vindo atrapaalhados, tendo que dividir ordenados diminutos, por não poderem levar a família para junto de si.

Como todos sabem, ninguém tem a vida na mão, e se um operário parte em determinada ocasião para a África, acompanhado de mulher e filhos, não quer dizer que não deixe na terra da sua naturalidade irmãos, mãe, sogra ou qualquer pessoa de família, que, perdendo na metrópole alguém que fosse o seu único amparo, passe a ter como pai apenas aquele que partiu e que por lá tem que viver até que termine o seu contrato-escravatura, única pessoa talvez de quem possa esperar umas sopas.

E como pode o desgraçado, com mulher e filhos em África, com diminutos ordenados, como em geral são os dos operários em toda a parte, mandar, por exemplo, a sua irmã, que enviava-se depois dele ter partido, os recursos de que ela necessita? Uma única coisa lhe resta: mandá-la ir para junto de si, pois que com mais um pouco de água, a sopa que chega para três, dará para quatro.

E, a provar o que disse outro artigo, que o contratado é considerado como cão, aí vai a transcrição do artigo 3.º do decreto de 24 de Dezembro de 1885, que regula o assunto para os funcionários confirmados:

1.º Concedido transporte de ida e volta, por conta do Estado, às famílias dos empregados de que trata o artigo antecedente quando acompanharem os funcionários ou partem para a sua companhia no espaço de um ano.

2.º Compreende-se na designação de família:

1.ª A mulher e as filhas solteiras;

2.ª Os filhos menores.

3.ª São igualmente compreendidas na designação de família, quando proveniêrem da sua subsistência está dependente do empregado:

1.ª As filhas viúvas;

2.ª A mãe viúva;

3.ª As irmãs solteiras ou viúvas;

4.ª As sogras;

5.ª As enteadas.

(Leg. Nov. do Ultr., pág. 354.)

Porque razão é que aos contratados se não dão regalias idênticas, expressas nos seus contratos?

Ou não serão eles considerados como cidadãos, dentro duma democracia que tanto sangue tem custado?

COLONIAL

A parte sublinhada está revogada, sendo dados subsídios actualmente às famílias em qualquer altura que os funcionários as mandem ir para a sua companhia.

VIDA ANARQUISTA

Centro Comunista do Porto.-No domingo, 20 de Junho, realizou-se a no teatro Carlos Alberto, um espectáculo, subido a scena nas peças sociais *Trinco*, *Amãnhã* e *Os camélias*.

O produto deste espectáculo destinou-se à remodelação da sede do Centro e aquisição de mobiliário para a instalação de aulas de instrução primária e portuguesa.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Centro e nas ruas Fernandes Tomás, 224, em Santa Helena, 282 e S. Sebastião Gonçalves e Quintas, a Canelelha Velha. A sede do Centro está aberta todos os dias, das 21 às 23 horas.

Centro Comunista de Lisboa.-Prevê-se, em todos os sócios que, na sede do Núcleo Central da Juventude Sindicalista, se encontram todas as tardes, quintas e sábados, um membro do secretariado, a fim de proceder à cobrança e à inscrição de novos sócios.

Pede-se a todos que regularizem os seus débitos para normalizar a escrita.

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José, recebeu curativo Joaquim Manuel Monteiro, de 25 anos, sapateiro, residente, na rua dos Mercúrios, 13, 2.ª. Ajuiz, que estando a trabalhar espertou a fumaça do fumo numa perna, resultando ficar com um grande ferimento.

Chamamento

E' convidado o camarada que nos trouxe a informação acerca da munição singular, como se tem feito a venda de açúcar no parque de Assistência de Santa Maria, publicação no nosso número de sexta-feira, a cumprir amanhã nesta redacção, pelas 21 horas, uma vez que parte daquela informação é contestada.

Sociedades de Recreio

Academia Recreio Musical do Pessoal do Comando Geral de Artilharia.-Hoje, às 21 horas, realiza-se a festa da flor, com banda de baile, venda da flor, valsa da rosa, chá às damas, etc.

Grupo Dramático e Solidariedade da Construção Civil.-Realizam na sexta-feira, uma assembleia geral e resolverá realizar um passeio de confraternização aos arredores de Lisboa, revertendo 50 % para o jornal *A Batalha*.

Reforçou a comissão pro-Casa dos Trabalhadores e resolveu convidar as companhias ou filhas dos sócios que queiram fazer parte do corpo social a inscreverem-se.

Resolveu também tomar parte na festa em auxílio da *Batalha*, que se realiza no Barreiro, no dia 2 de Junho, promovida pelos ferroviários do Sul e Sueste.

Posto sindical de barbear

Continua funcionando este posto num dos gabinetes da sede da C. G. T., em que presta os seus serviços profissionais um camarada que ficou desempregado por virtude da última greve da respectiva classe, que bem merece ser auxiliado pelo proletariado.

O ministro das colónias, a fim de satisfazer uma proposta do governador geral de Angola, mandou contratar chefes de estação, factores, condutores e maquinistas para os caminhos de ferro daquela província.

ULTIMAS NOTICIAS

EM FRANÇA

Como as greves são apreciadas no parlamento

PARIS, 22.-Os debates sobre as greves terminaram ontem. A câmara declarou estar pronta a colaborar com as organizações operárias, mas não abdica - diz o ministro das obras públicas. O sr. Millerand, vai mais longe: se nós tivéssemos cedido, o problema da soberania teria ficado resolvido por 507 votos contra 74. -*Rádio*.

Os ferroviários mantêm-se em greve

PARIS, 22.-A ordem de voltar ao trabalho, dada pelo conselho nacional confederal, não se entende com os ferroviários, os quais devem continuar a greve, sendo apoiados materialmente pela Confederação, por meio de cotas obrigatórias das demais federações. -H.

Através da Rússia

O exército vermelho ataca violentamente os polacos

PRAGA, 22.-Comunicado do estado maior, de quinta-feira: "No sector da alta Berasina o inimigo reforçado com novas tropas, continuou os violentos e repetidos ataques."

Apesar da violência com que as forças superiores do inimigo atacaram os destacamentos da 3.ª divisão, esta não se manteve as suas posições, como passando ao contra-ataque, infringiu sérias perdas ao inimigo. -*Rádio*.

Em Espanha

Espera-se um movimento grevista em Sevilha

SEVILHA, 22.-Agravou-se o conflito das subsistências, escasseando o pão cada vez mais, dando-se vários incidentes tumultuosos, esperando-se um movimento grevista. -*Rádio*.

Manifestações ruidosas e assaltos aos estabelecimentos

MADRID, 22.-Em Bejar foi declarada a greve geral. Os grevistas, percorrendo as ruas em ruidosas e tumultuosas manifestações, saquearam numerosos estabelecimentos.

Foi declarado o estado de guerra. Noutros pontos continua o mal estar pela carestia das subsistências, esperando-se novos conflitos. -*Rádio*.

Lisboa sem carros

A' hora a que encerramos o nosso jornal circula através da cidade a proclamação de greve dos empregados da Carris de Ferro, que deve principiar hoje, motivo porque Lisboa não terá hoje carros e, possivelmente, durante alguns dias, mostrando-se o pessoal na disposição de não retomar o trabalho sem que atendidas sejam as suas reclamações, há muito tempo já presentes à Companhia.

A BATALHA NA PROVINCIA NOS ARREDORES

POVOA DE SANTA IRIA, 15

O desrespeito pela lei do horário de trabalho e a indiferença dos operários

Razão tínhamos nós quando aconselhávamos a formação de uma comissão de acção, para a defesa da lei do horário de trabalho; mas não conseguimos ser ouvidos e agora salta bem à vista a exploração patronal, a indiferença da Sociedade Industrial Aliança, que está dando duas horas suplementares ao seu pessoal, não lhes pagando a dobrar, como estipula a lei.

Com um estado de indiferença, os operários metem cada dia, pouco mais ou menos, no cofre da Companhia, a importância de \$160, roubando-se eles próprios, cada um deles, a importância de \$160, a importância de \$160, o que não sucederia se tivessem a consciência e a energia precisa para reclamarem o que de direito lhes pertence.

Os operários da referida Companhia procedem muito mal, prejudicando-se, não só a eles, como todos os outros camaradas, porque estão dando tempo aos exploradores do trabalho, e quando um dia se quiserem portar como homens conscientes não de encontrará sérias dificuldades. -C.

VENDAS NOVAS, 15

Na escola oficial não há água nem retretes

E' deveras lamentável o que se passa nesta localidade, em matéria de instrução. A escola oficial, apesar de ter sido construída há muitos anos, não tem condições mínimas para a sua missão, e quanto a condições higiénicas estamos conversados, basta que se saiba que a escola não tem retrete, tendo as crianças de ambos os sexos ir satisfazer as suas necessidades, a um quintal confuso que não é nem mais nem menos que um latrina.

Uma boa parte dos alunos já estão parados, e a substituição puseram arca fardada, dando mais ideia duma aula de feras que duma escola, como algumas pessoas têm criticado com razão.

Bom seria que todos aqueles que tem o dever de tornar a escola útil e habitável, não dessem motivo a termos de voltar ao assunto. -C.

CASTELO BRANCO, 15

As manhas e a cobardia dum envenenador do público -Varias

Como dissemos na última correspondência, a firma Rosas & Ribeiro foi apreendida a grande porção de farinha adulterada, e selado o estabelecimento, pois na noite de 20 do mês p. p., pelas 23 horas, um dos sócios, José Pombo, Rosas, que também leccionava a fazenda, foi surpreendido dentro do estabelecimento, onde estava com dois homens e uma mulher penetrando a farinha, boa parte, não só a que dividiram, destruíram a prova do seu crime.

O fígado quer fugar cobardemente a responsabilidade, dizendo que não é sócio da firma envenenadora, tirando assim com as calças para o seu afilhado e sócio.

O 1.º de Maio, devido ao mau tempo passou sem uma nota digna de registro.

Apesar de todos os nossos protestos, não há forma de se cumprir nesta terra o horário das 8 horas. E passa-se isto numa cidade, abrigada nas suas portas as 8 horas e encerra-las iam as 21. Mas os comerciantes não ligam nenhuma importância ao edital e ao admoestador, e fecham quando muito bem lhes apetece. Os empregados é que se amolam, pois tem de estar 12 e 13 horas ao balcão.

Os corticeiros acabam de fundar, na sua associação, uma cooperativa de consumo, que foi inaugurada no dia 1.º de Maio.

OS QUE MORREM

Realizam-se hoje os seguintes funerais:

do menino Decio de Oliveira Beteacour, filho de S. Sebastião da Poireira, 22, da menina Elvira Diniz de Oliveira, 11, de António Pinto, 14, e de Nuno Rodrigues Camões, 15, do hospital de S. José, D. Maria Eugénia Lopes de Carvalho Pinto, 16, do hospital Estefânia; D. Ana Rita, 16, do beco dos Cavaleiros; D. Maria da Conceição Silva, 17, da cadeia de Arroios; D. D. Constança Maria, 15, do hospital de S. José; D. Maria Rosa Duarte, 15, da vila Flaminiano; 15, Manuel Gonçalves, 15, do hospital de S. José; João Luís dos Santos, 15, da rua do Olival; 82, D. Mariana de Jesus Pereira, 11, da rua da Cruz dos Poins; 30, D. Carolina Henriqueta da Cruz, 11, da rua do Norte; 45, D. Julia da Silva Gonçalves Dias, 17, da Avenida Almirante Reis. 74.

Cadáveres inanimados no dia 21 do corrente, no cemitério dos Trózeiros: Maria Rosa Gonçalves, 40 a.; José Lopes Ribeiro, 38 a.; Manuel Lopes Mesquita, 85 a.; Julia da Conceição Vieira, 18 a.

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais:

do menino Decio de Oliveira Beteacour, filho de S. Sebastião da Poireira, 22, da menina Elvira Diniz de Oliveira, 11, de António Pinto, 14, e de Nuno Rodrigues Camões, 15, do hospital de S. José, D. Maria Eugénia Lopes de Carvalho Pinto, 16, do hospital Estefânia; D. Ana Rita, 16, do beco dos Cavaleiros; D. Maria da Conceição Silva, 17, da cadeia de Arroios; D. D. Constança Maria, 15, do hospital de S. José; D. Maria Rosa Duarte, 15, da vila Flaminiano; 15, Manuel Gonçalves, 15, do hospital de S. José; João Luís dos Santos, 15, da rua do Olival; 82, D. Mariana de Jesus Pereira, 11, da rua da Cruz dos Poins; 30, D. Carolina Henriqueta da Cruz, 11, da rua do Norte; 45, D. Julia da Silva Gonçalves Dias, 17, da Avenida Almirante Reis. 74.

OBITUARIO

Cadáveres inanimados no dia 21 do corrente, no cemitério dos Trózeiros: Maria Rosa Gonçalves, 40 a.; José Lopes Ribeiro, 38 a.; Manuel Lopes Mesquita, 85 a.; Julia da Conceição Vieira, 18 a.

ULTIMAS NOTICIAS

EM FRANÇA

Como as greves são apreciadas no parlamento

PARIS, 22.-Os debates sobre as greves terminaram ontem. A câmara declarou estar pronta a colaborar com as organizações operárias, mas não abdica - diz o ministro das obras públicas. O sr. Millerand, vai mais longe: se nós tivéssemos cedido, o problema da soberania teria ficado resolvido por 507 votos contra 74. -*Rádio*.

Os ferroviários mantêm-se em greve

PARIS, 22.-A ordem de voltar ao trabalho, dada pelo conselho nacional confederal, não se entende com os ferroviários, os quais devem continuar a greve, sendo apoiados materialmente pela Confederação, por meio de cotas obrigatórias das demais federações. -H.

Através da Rússia

O exército vermelho ataca violentamente os polacos

PRAGA, 22.-Comunicado do estado maior, de quinta-feira: "No sector da alta Berasina o inimigo reforçado com novas tropas, continuou os violentos e repetidos ataques."

Apesar da violência com que as forças superiores do inimigo atacaram os destacamentos da 3.ª divisão, esta não se manteve as suas posições, como passando ao contra-ataque, infringiu sérias perdas ao inimigo. -*Rádio*.

Em Espanha

Espera-se um movimento grevista em Sevilha

SEVILHA, 22.-Agravou-se o conflito das subsistências, escasseando o pão cada vez mais, dando-se vários incidentes tumultuosos, esperando-se um movimento grevista. -*Rádio*.

Manifestações ruidosas e assaltos aos estabelecimentos

MADRID, 22.-Em Bejar foi declarada a greve geral. Os grevistas, percorrendo as ruas em ruidosas e tumultuosas manifestações, saquearam numerosos estabelecimentos.

Foi declarado o estado de guerra. Noutros pontos continua o mal estar pela carestia das subsistências, esperando-se novos conflitos. -*Rádio*.

Lisboa sem carros

A' hora a que encerramos o nosso jornal circula através da cidade a proclamação de greve dos empregados da Carris de Ferro, que deve principiar hoje, motivo porque Lisboa não terá hoje carros e, possivelmente, durante alguns dias, mostrando-se o pessoal na disposição de não retomar o trabalho sem que atendidas sejam as suas reclamações, há muito tempo já presentes à Companhia.

A BATALHA NA PROVINCIA NOS ARREDORES

POVOA DE SANTA IRIA, 15

O desrespeito pela lei do horário de trabalho e a indiferença dos operários

Razão tínhamos nós quando aconselhávamos a formação de uma comissão de acção, para a defesa da lei do horário de trabalho; mas não conseguimos ser ouvidos e agora salta bem à vista a exploração patronal, a indiferença da Sociedade Industrial Aliança, que está dando duas horas suplementares ao seu pessoal, não lhes pagando a dobrar, como estipula a lei.

Com um estado de indiferença, os operários metem cada dia, pouco mais ou menos, no cofre da Companhia, a importância de \$160, roubando-se eles próprios, cada um deles, a importância de \$160, a importância de \$160, o que não sucederia se tivessem a consciência e a energia precisa para reclamarem o que de direito lhes pertence.

Os operários da referida Companhia procedem muito mal, prejudicando-se, não só a eles, como todos os outros camaradas, porque estão dando tempo aos exploradores do trabalho, e quando um dia se quiserem portar como homens conscientes não de encontrará sérias dificuldades. -C.

VENDAS NOVAS, 15

Na escola oficial não há água nem retretes

E' deveras lamentável o que se passa nesta localidade, em matéria de instrução. A escola oficial, apesar de ter sido construída há muitos anos, não tem condições mínimas para a sua missão, e quanto a condições higiénicas estamos conversados, basta que se saiba que a escola não tem retrete, tendo as crianças de ambos os sexos ir satisfazer as suas necessidades, a um quintal confuso que não é nem mais nem menos que um latrina.

Uma boa parte dos alunos já estão parados, e a substituição puseram arca fardada, dando mais ideia duma aula de feras que duma escola, como algumas pessoas têm criticado com razão.

Bom seria que todos aqueles que tem o dever de tornar a escola útil e habitável, não dessem motivo a termos de voltar ao assunto. -C.

CASTELO BRANCO, 15

As manhas e a cobardia dum envenenador do público -Varias

Como dissemos na última correspondência, a firma Rosas & Ribeiro foi apreendida a grande porção de farinha adulterada, e selado o estabelecimento, pois na noite de 20 do mês p. p., pelas 23 horas, um dos sócios, José Pombo, Rosas, que também leccionava a fazenda, foi surpreendido dentro do estabelecimento, onde estava com dois homens e uma mulher penetrando a farinha, boa parte, não só a que dividiram, destruíram a prova do seu crime.

O fígado quer fugar cobardemente a responsabilidade, dizendo que não é sócio da firma envenenadora, tirando assim com as calças para o seu afilhado e sócio.

O 1.º de Maio, devido ao mau tempo passou sem uma nota digna de registro.

Apesar de todos os nossos protestos, não há forma de se cumprir nesta terra o horário das 8 horas. E passa-se isto numa cidade, abrigada nas suas portas as 8 horas e encerra-las iam as 21. Mas os comerciantes não ligam nenhuma importância ao edital e ao admoestador, e fecham quando muito bem lhes apetece. Os empregados é que se amolam, pois tem de estar 12 e 13 horas ao balcão.

Os corticeiros acabam de fundar, na sua associação, uma cooperativa de consumo, que foi inaugurada no dia 1.º de Maio.

OS QUE MORREM

Realizam-se hoje os seguintes funerais:

do menino Decio de Oliveira Beteacour, filho de S. Sebastião da Poireira, 22, da menina Elvira Diniz de Oliveira, 11, de António Pinto, 14, e de Nuno Rodrigues Camões, 15, do hospital de S. José, D. Maria Eugénia Lopes de Carvalho Pinto, 16, do hospital Estefânia; D. Ana Rita, 16, do beco dos Cavaleiros; D. Maria da Conceição Silva, 17, da cadeia de Arroios; D. D. Constança Maria, 15, do hospital de S. José; D. Maria Rosa Duarte, 15, da vila Flaminiano; 15, Manuel Gonçalves, 15, do hospital de S. José; João Luís dos Santos, 15, da rua do Olival; 82, D. Mariana de Jesus Pereira, 11, da rua da Cruz dos Poins; 30, D. Carolina Henriqueta da Cruz, 11, da rua do Norte; 45, D. Julia da Silva Gonçalves Dias, 17, da Avenida Almirante Reis. 74.

OBITUARIO

Cadáveres inanimados no dia 21 do corrente, no cemitério dos Trózeiros: Maria Rosa Gonçalves, 40 a.; José Lopes Ribeiro, 38 a.; Manuel Lopes Mesquita, 85 a.; Julia da Conceição Vieira, 18 a.

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercador

Fornece e o r dos Empregados dos Cam